

DOSSIÊ - APRESENTAÇÃO

Transes. E se artes e ciências? E se ... e ...?

Susana Oliveira Dias¹

Carolina Cantarino Rodrigues²

e se artes e ciências? E a pergunta ressoa imprópria. Afinal, tantas palavras, imagens e sons espalham-se nos mais diversos campos em que artes e ciências estão reunidas plenas de promessas. Tantas e tantas que dão a ver um *e* que se faz *junção*. A impropriedade que nos interessa neste dossiê é a da pergunta: estariam essas *comjunções* ressoando apenas pelas somas (arte + ciências), consensos (arte = ciência), exclusões (arte > ciência – arte < ciência)? **E se... e ...?**

Percorrer as intensidades de vida do *e* – capazes de juntar e separar, de somar e multiplicar, de convergir e divergir... – tem sido um dos modos que encontramos, no grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, educações e comunicações (CNPq), de inventar escritas-pesquisas-ações-pensamentos entre artes e ciências como *disjunções inclusivas* (DELEUZE, 2010). A proposta deste dossiê da revista *Leitura Teoria e Prática* é um desdobramento de dois projetos desse grupo – “Arte e Ciência: experimentações, limites e disjunções na divulgação científica” (CNPq/MCT/Finep); e Por entre ciências, comunicações e divulgações: as configurações

políticas de cultura e público (FAPESP) – que permitiram a realização do III Seminário multiTÃO: experimentações, limites, disjunções, artes e ciências... na Unicamp, entre os dias 17 e 19 de outubro de 2011.³

Projetos e evento que investiram em problematizar as configurações políticas que palavras, imagens e sons assumem na contemporaneidade e restituem a força política de pausa e respiro do *e*. Respirar no irrespirável “e se artes e ciências?”. Dar a sentir no *corpoescritapesquisa a junção* como problema, dada a insistente busca de se constituir um tempo em que divulgações, comunicações e educações científicas forcem a permanecer em sintaxes preestabelecidas, constringem e constroem a circular dentro das significações dominantes, indicam movimentos a serem feitos: explicar, interpretar, estabelecer correspondências e associações analógicas, encontrar totalizações, hierarquias e unificações (DIAS, 2008).

Um *e* que se efetua como *junção* e torna visível-audível a forte polarização entre artes e ciências – certo-errado, verdadeiro-falso, realidade-ficção, razão-desrazão, subjetividade-

¹ Pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora e coordenadora do curso de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Líder do grupo multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações. (CNPq).

² Pesquisadora colaboradora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do curso de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

³ A equipe do projeto envolve pesquisadores do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (CNPq), vinculados ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e à Faculdade de Educação (FE), ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e ao Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e o Departamento de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN).

objetividade... – ao investir na *fusão, coincidência, confluência e convergência* entre artes e ciências. Outras forças que preferem não a da polarização que acaba por hierarquizar, substancializar, instrumentalizar e submeter a própria junção, quando, sob a lógica representacional, prendem-se as imagens, palavras e sons a determinados tempos e lugares das ciências: da história da ciência, dos laboratórios, métodos e procedimentos científicos, de passados e futuros prefigurados da humanidade.

Uma intensa política arquivista da qual emergem formas de *resolver* as dualidades. Artes e ciências, *juntas, se complementariam, completariam*, criando modos de modos de *reduzir distâncias* entre ciências e públicos. Transes. E se ... e...?

Diante do transe paralisante do arquivismo, convocar ritmos, pulsações, danças, desenhos, linhas, cartas, *road movies*, tantas e tantas outras forças movimentadas nos artigos que compõem este dossiê. Hipnoses e alucinações outras. Extrair do transe o des-controle, o desassossego, o giro que faz perder a cabeça para que façam rodar e agitar os objetos, paisagens, ciências, tempos, espaços, artes e públicos para fora das inscrições, fixações e limitações dos conhecimentos que os querem fazer circular dentro de movimentos precisos. Em vez do registro e da documentação e suas forças de retenção e permanência – marcas do transe arquivista – criar movimentações para contagiar e liberar o tempo e a vida.

Transes que podem permitir um vislumbre precário, débil, de uma política que deixa de ser a ativação dos corpos dados, para o aparecimento de outros corpos, corpos-imagens, corpos-palavras, organismos vivos que habitam a fronteira *entre artes e ciências*. Movimentações que não se esquivam diante do impossível – da impossibilidade de apreensão da vida em suas múltiplas forças – e, por isso, preferem a experimentação.

Corpos que não recusam as lógicas dos bancos de dados, arquivos, mas que, dentro delas, insistem em

provocar. Corpos a explorar forças reticentes, vacilantes e desidentificadoras do *e*. Que se insinuam em meios às lógicas dominantes, colocam palavras, imagens e sons em transes distintos, ao transformar linguagens em ateliês-laboratórios de experimentação, ao promover *desfuncionamentos* capazes de revolver as configurações de poder. Palavras, imagens e sons tornam-se superfícies de proliferação de possibilidades, criam fissuras no que já está dado, geram conexões inauditas. Lançar ao vento... ao tempo... as significações estabelecidas, os sistemas homogêneos de pensamentos, artes e ciências. Produzindo variações infinitas, indeterminações e heterarquias que nos parecem fundamentais ao pensar as relações entre públicos, ciências, tecnologias e culturas.

Expor-se à perturbação que um *e* pode instaurar, fazendo-nos perder o chão e pensar que as forças de aliança do *e* – artes e ciências – carregam potências distintas quando pensadas como pactos que não se estabelecem, propriamente, pela afinidade, consenso, cumplicidade e fidelidade. Pensar que “mesmo as instâncias que chegam como se vindas de um pacto com a verdade, como o fotográfico, têm seu pacto com a cor e com a luz” (OLIVEIRA *et al*, 2011, n.p.). Fissuras e multiplicações que irrompem *entre* tais dualidades, escapando aos antagonismos e às relações biunívocas.

Propomo-nos um *escreverpesquisar* que acontece num plano de experimentações capazes de abrir frestas nos conhecimentos-pensamentos nos campos da divulgação, comunicação e educação científicas, que se deslocam dos encaixes, semelhanças, complementaridades, e se movimentam por traições, contaminações, roubos e hackerismos. Instauram tensões irresolúveis e intermináveis. E se artes e ciências? E se ... e...? Modos como temos imaginado que as conexões de artes e ciências possam esgotar a política arquivista e representacional (subtraindo seus poderes), que atravessa de modo predominante as linguagens, pesquisas, conhecimentos.

Escreverpesquisar junto a esses conceitos que se entrecem e estremeçam nas experimentações de estilos de escrita (com palavras, imagens e sons). Sub-verter as aproximações entre artes e ciências que se afirmam somente para e como adições e incorporações; buscas por um tempo que potencialize e desestabilize a ambas (ciências e artes) e aos pensamentos e noções de culturas, públicos, conhecimentos, divulgações e comunicações que arrastam.

Pensar no deslocamento da representação para o acontecimento, em que palavras, imagens e sons transformam os signos e as forças do mundo a partir de uma experimentação no real, “provocando um desequilíbrio das forças sociopolíticas que permeiam a ‘língua’ adequada e que reforçam o *status quo*” (BOGUE, 2011, p.19).

Deslocamento, experimentação e desequilíbrio que intervêm no real, contínua e violentamente inundado por impressões audiovisuais que, intensamente, desejam modular corpos e afetos. Por isso, a urgência do des-centramento das tecnociências em relação aos corpos, tempos e sujeitos (RODRIGUES, 2011), politização pensada enquanto uma nova partilha do sensível (RANCIÈRE, 2005), que lute por novos modos de ver, de dizer, de sentir, de escrever, de escutar, de habitar o mundo (INGOLD, 2011). Que lute por um novo modo de se conceber a própria politização. Políticas em transes outros.

Temos sido tomados pelo público em nossas pesquisas. Público como *intensidade*. Intensidade que escapa às noções de divulgações, comunicações e educações científicas ora como “direito do cidadão ou cidadãos” ou “necessidade do indivíduo ou coletivo”. E que permite perguntar (outra pergunta imprópria): como podemos nos reunir, nos movimentar coletivamente, sem comprometer aquilo que nos faz diferir de nós mesmos? Como politizar o engajamento e a participação para potencializar um “comum” capaz de fugir à polarização público/privado, que escape de ser enquadrado em categorias prévias, em

grupos determinados (estudantes, cientistas, pesquisadores, artistas, professores, alunos)? Como incitar o surgimento de agenciamentos coletivos de enunciação – não sujeitos coletivos ou identidades – inéditos, ímpares? Agenciamento que não é o ajuntamento de corpos, somatórias de sujeitos, mas o que acontece aos corpos quando eles se encontram e não se espera um resultado previamente configurado. Público que está sempre por vir.

Pensar divulgações, comunicações e educações científicas não como direito, nem necessidade, mas fatalidade. Expomos-nos assim à fatalidade dos atravessamentos, trânsitos constantes, fluxos intermitentes, passagens constantes, permanências efêmeras e becos sem saída... Fatalidade do acontecimento que, para Deleuze (2006, p.152), envolve sempre a ferida, a batalha e a morte. “Que quer dizer então querer o acontecimento? Será que é aceitar a guerra quando ela chega, o ferimento e a morte quando chegam?”

Para Deleuze (2006, p. 152), querer o acontecimento é atingir o ponto em que “a guerra é travada contra a guerra, o ferimento, traçado vivo como cicatriz de todas as feridas, a morte retorna querida contra todas as mortes”. Não seria uma recusa à guerra, à ferida, à morte, mas também não se trata de resignação nem ressentimento, e sim de fazer da guerra, da ferida e da morte forças de vida do pensar, subvertendo-as, desmontando suas lógicas, secando a infelicidade que trazem, provocando a falência da vontade de guerrear, ferir, morrer, tornando-nos destituídos do poder de guerrear, ferir e matar. E se... e...?

Recusar à poderosa investida na produção de sistemas homogêneos de pensamento que atravessam imagens, textos e sons na contemporaneidade. Resistir à força das sintaxes predominantes das imagens, palavras e sons que, sob o pretexto de nos convocar a sermos participantes, engajados, ativos, conscientes, cidadãos, querem emitir ordens, definem

padrões de participação, determinar o que é participar e como participar. Compartilhamos da ideia de que a participação do público nos sistemas das ciências, tecnologias e artes é fundamental; entretanto, parece-nos ser preciso interrogar o modelo de participação atrelado à política representacional das linguagens, escritas e pesquisas, para abrir brechas à criação de uma nova postura política perante as ciências, tecnologias, artes e divulgações.

Como querer o acontecimento *público* desde dentro das investidas de ciências, artes, comunicações e educações? – pergunta que nos força para além das oposições, categorizações, exclusões e consensos; que nos faz querer públicos para além do que está dados nos corpos, nas qualidades, medidas e padrões dos corpos; para além das dicotomias e oposições: público-privado, dentro-fora, individual-coletivo; para além das separações hierárquicas entre saber-não saber, entre conhecimento-experiência, entre cientistas-leigos...

Um *além* que não envolve superação, dissolução, nem produção de misturas homogêneas. Um querer que mobiliza suspensões, ao mesmo tempo, das afirmações e negações, do que convém e do que não convém, dos consensos e exclusões, e que escolhe a força do paradoxo que emana da partícula *e*. E se artes e ciências?

Querer o acontecimento envolve fazer do público uma nova proposição na divulgação, comunicação e educação científicas. Querer o acontecimento, diz Deleuze em *Lógica do sentido* (2006, p.34), passa por “cuidar bem do sentido” em condições tais que as proposições proliferam”. Envolve um ater-se às maquinações efetuadas predominantemente por palavras, imagens e sons, que nos forcem a estabilizar e fixar significações, nos mantendo presos a uma gramática predominantemente arquivista e representacional.

O que podem as imagens, palavras e sons da divulgação científica? Exploramos essa pergunta em nossos projetos

investindo nas proliferações entre artes e ciências, no encontro, pensamento e criação com os artefatos midiáticos-científicos-artísticos. Interessamo-nos por artefatos impossíveis. Artefatos sem pátria. Que expõem acontecimentos inefetuáveis em um estado de coisas e nos corpos. Artefatos que nos dão a ver seres-objetos-mundos que não têm correspondência com mundo dissecado e fixado como real ou verdadeiro, com um mundo dado.

Pensamentos-artefatos-criações que esgotam os possíveis e, nessa insistência, afirmam novas existências, por vir (PELBART, 2009). Buscamos, assim, libertar as artes de suas capacidades de resistências ditas inatas (RANCIÈRE, 2007), as ciências de seus poderes dados (LAYMERT, 2003), as mídias de suas lógicas opinativas e recognitivas ditas próprias (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Terminamos aqui com um imenso agradecimento às autoras convidadas a escrever-pensar nestas propostas que, juntas e separadas, convidam à leitura como abertura a povoar o mundo com estas forças impróprias e impossíveis. *Escritasleitur*as que não falam do futuro, mas que se abrem ao futuro. E se... e...?

Referências

BOGUE, R. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIM, A. C.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (Orgs.). *Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...* Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas, SP: ALB, 2011.

DIAS, S. O. Vagabundear pensamentos – ciência e loucura e arte. *RUA [on-line]*, n. 17, v. 1. 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=107>>. Acesso em: out. 2011.

_____. Monstros, imagens e divulgação científica: políticas da expressão. *ComCiência*, Campinas, Unicamp, dez 2010.

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=62&id=785>>. Acesso em: out. 2011.

_____. *Papelar o pedagógico...* escrita, tempo e vida por entre impressas e ciências. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DIAS, S. et al. *Arte e ciência: experimentações, limites e disjunções na divulgação científica*. Projeto aprovado pelo CNPq/MCT/Finep, 2011.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salina Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. *Sobre teatro: Um manifesto de menos; O esgotado*. Tradução de Fátima Saadi, Olívio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

INGOLD, T. *Lines: a brief history*. Routledge: New York, 2007.
LAYMERT, G. S. et al. *Revolução tecnológica, Internet e socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

OLIVEIRA, R. S. M. et al. Pactos e demônios de um jogo sem regras. *Studium*, IA-Unicamp, Campinas-SP, out. de 2011, pp. 1-4. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/divagacoes/13/index.html>>. Acesso em: nov. 2011.

PELBART, P. P. Imagens do (nosso) tempo. In: FURTADO, B. (Org.). *Imagem contemporânea: cinema, TV, documentário, fotografia, videoarte, games...* Vol. II. São Paulo: Hedra, 2009.

RANCIÈRE, J. Será que a arte resiste a alguma coisa. In: LINS, D. *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia 2004*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

_____. *A partilha do sensível – estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental; Ed. 34, 2005.

RODRIGUES, C. C. *Entre corpos, tempos e sujeitos: ciências, artes e políticas improvisando Identidades*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

Recebido em 22 de maio de 2012 e aceito em 27 de agosto de 2012.